



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**KAREN MORGANNY SILVA NASCIMENTO**

**ESTUDOS PRELIMINARES DO FANATISMO ESPORTIVO FEMININO NO  
FUTEBOL BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA E  
ANÁLISE EXISTENCIAL**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2022**

**KAREN MORGANNY SILVA NASCIMENTO**

**ESTUDOS PRELIMINARES DO FANATISMO ESPORTIVO FEMININO NO  
FUTEBOL BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA E  
ANÁLISE EXISTENCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura e Formação em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos

**Co-orientador:** Prof. Msn. Thiago Silva Fernandes

**Campina Grande – PB**

**2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244e Nascimento, Karen Morganny Silva.

Estudos preliminares do fanatismo esportivo feminino no futebol brasileiro sob a perspectiva da logoterapia e análise existencial [manuscrito] / Karen Morganny Silva Nascimento. - 2022.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.

"Orientação : Prof. Dr. Gilvan de Melo Santos , Departamento de Psicologia - CCBS."

"Coordenação: Prof. Dr. Thiago Silva Fernandes , Departamento de Psicologia - CCBS."

1. Logoterapia. 2. Futebol - mulheres. 3. Análise existencial. I. Título

21. ed. CDD 616.891 6

**KAREN MORGANNY SILVA NASCIMENTO**

**ESTUDOS PRELIMINARES DO FANATISMO ESPORTIVO FEMININO NO  
FUTEBOL BRASILEIRO SOB A PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA E  
ANÁLISE EXISTENCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura e Formação em Psicologia.

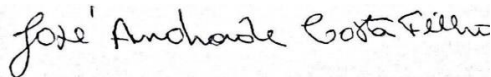
**Aprovada em:** 17/10/2022

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Gilvan de Melo Santos (Orientador)**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



**José Andrade Costa Filho**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



**Débora Barbosa Guedes de Oliveira Vilaça**  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Nada proporciona melhor capacidade de superação e resistência aos problemas e dificuldades em geral do que a consciência de ter uma missão a cumprir na vida.”

**VIKTOR E. FRANKL**

## **RESUMO**

Muito se fala sobre o fanatismo e utiliza-se deste termo para descrever pessoas que têm uma devoção cega a algo ou alguém. Quando falamos em fanatismo esportivo, entendemos isso como algo comum no Brasil, considerado o “país do futebol”. Sendo assim, o referido artigo visa identificar como o sentimento de paixão se apresenta na experiência das torcedoras de futebol, apontando a introdução destas neste contexto através de uma perspectiva histórica, relacionando este abarcamento com o conceito de fanatismo, além de verificar com a Logoterapia e a Análise Existencial enxergam a temática. Por meio de uma revisão bibliográfica e análise de pesquisas existentes sobre o tema em questão, foi possível verificar a inserção cada vez mais presente das mulheres no cenário esportivo, sendo observado mais especificamente no contexto do futebol. Por fim, notou-se que existe a necessidade de que a Psicologia tenha um olhar voltado para a busca e compreensão do envolvimento feminino no futebol como torcedora, pois foi observado uma carência de pesquisas e artigos sobre o tema em questão, e notou-se que um acompanhamento voltado a este cenário é fundamental no contexto atual.

**Palavras-chave:** Futebol; Fanatismo; Mulheres, Logoterapia.

## **ABSTRACT**

Much is said about fanaticism and this term is used to describe people who have a blind devotion to something or someone. When we talk about sports fanaticism, we understand it as something common in Brazil, considered the “country of soccer”. Therefore, this article aims to identify how the feeling of passion is presented in the experience of soccer fans, pointing out their introduction in this context through a historical perspective, relating this encompassing with the concept of fanaticism, in addition to verifying with Logotherapy and the Existential Analysis see the theme. Through a bibliographic review and analysis of existing research on the subject in question, it was possible to verify the increasingly present insertion of women in the sports scenario, being observed more specifically in the context of soccer. Finally, it was noted that there is a need for Psychology to have a look focused on the search and understanding of female involvement in football as a fan, as a lack of research and articles on the subject in question was observed, and it was noted that a follow-up focused on this scenario is fundamental in the current context.

**Keywords:** Soccer; Fanaticism; Women; Logotherapy.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	A INSERÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL: UM CONTEXTO HISTÓRICO ....	9
3	O FANATISMO ESPORTIVO FEMININO NO FUTEBOL .....	11
4	O FANATISMO ESPORTIVO SOB A PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL .....	14
5	CONCLUSÃO.....	17
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	18



## 1 INTRODUÇÃO

O fanatismo diz respeito a um enaltecimento ou devoção cega de forma firme e vigorosa em relação a alguma coisa ou a alguém, gerando um sentimento de admiração excessiva, produzindo desdém e intolerância a qualquer opinião ou posicionamento que seja diferente daquilo que o fanático acredita como sendo verdade universal (PINSKY & PINSKY, 2008). O termo “fanático” foi mencionado no século XVIII para intitular pessoas consideradas extremistas em favor de uma causa de cunho religioso ou político (PINSKY & PINSKY, 2008).

Existem vários tipos de fanatismo, sendo os mais conhecidos: o fanatismo religioso, o político, o racial e o esportivo. O presente artigo terá como foco o fanatismo esportivo, aprofundando-se mais especificamente no futebol. No Brasil, o futebol é reconhecido como o esporte mais praticado e de maior popularidade há quase um século, levando-o a ser conhecido como o “País do Futebol”. O futebol é um fenômeno cultural global, sendo visto e jogado em todo o mundo ultrapassando barreiras sociais, econômicas, políticas e mais recentemente de gênero.

Deste modo, é comum que com a sua popularidade existam pessoas com maior admiração por este esporte, permitindo assim que sentimentos mais intensos se manifestem. Com isso, são criadas expectativas em cima do objeto do fanático, neste caso, um time de futebol específico, gerando um endeusamento e ocasionando comportamentos considerados irracionais em relação à vivência do indivíduo enquanto torcedor. É comum vermos a propagação do fanatismo esportivo, principalmente no futebol, considerando o público masculino. Porém, este fanatismo se acentua ainda mais com a presença das mulheres nos estádios.

No contexto futebolístico em geral, e principalmente quando se trata do envolvimento mais pessoal com o clube, o público feminino está cada vez mais incluso, sendo possível perceber através dos grupos de torcidas organizadas compostos apenas por mulheres como: Coletivo INTERFeminista, do Internacional, Movimento Alvinegras, do Corinthians, dentre outras, bem como a quantidade significativa de mulheres que acompanham os clubes nos estádios e nas redes sociais. Deste modo, diante da presença feminina mais assídua nas arquibancadas e no ambiente esportivo relacionado ao futebol de forma geral, percebe-se que existe a necessidade de identificar a relação entre as mulheres e o fanatismo por futebol.

Portanto, enxergando como o futebol está intrínseco no cenário brasileiro, pelo seu grande impacto cultural e comercial, além do privilégio nos meios de comunicação do país, e percebendo que as mulheres estão cada vez mais incluídas neste universo, enuncia-se o problema: de que forma o fanatismo esportivo é manifestado através da vivência das mulheres brasileiras enquanto torcedoras nos estádios de futebol?

Tendo, então, como parâmetro metodológico, relacionar o envolvimento mais frequente da mulher com o futebol no cenário atual e como o fanatismo se manifesta neste contexto, foi utilizado o método de pesquisa exploratória com a finalidade de identificar o fanatismo esportivo feminino no futebol através de um estudo sob a perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial, partindo de uma revisão bibliográfica composta pelos principais autores e estudiosos da Psicologia, em específico da Logoterapia e áreas afins. Para isso, a pesquisa será baseada em estudos de autores, como por exemplo Pinsky e Pinsky (2008), Wachelke (2008), Passmore (2003), entre outros estudiosos que elaboraram pesquisas pertinentes ao assunto, assim como sob a perspectiva de fanatismo apresentada pelo fundador da terceira escola de psicoterapia de Viena, Viktor Emil Frankl. Para o seu desenvolvimento e aquisição de dados foram selecionados artigos nas bases de dados BVS e Google Acadêmico, bem como foram realizadas interlocuções com textos de autores recentes, tais como o texto de Bruno Fabiano Gama, “A Liberdade de não ser livre: Implicações do fanatismo sob a ontologia dimensional Frankliana”, 2021. No que se refere à pesquisa em bases de dados, utilizou-se as palavras chaves: Futebol, Fanatismo e Mulheres. Foram utilizados como critérios de inclusão artigos que tiveram como objetivo a correlação entre futebol e comportamento do torcedor, que fossem publicações nacionais, possuíssem acesso integral nas plataformas digitais e que apresentassem método e resultados claramente definidos.

Desta forma, o presente artigo tem como objetivo principal discutir, através de uma revisão da literatura, como este fervor, em torcer por um time específico, apresenta-se através das experiências vivenciadas por mulheres. Para tanto, pretende-se apontar a inserção da figura feminina historicamente cada vez mais presente no contexto esportivo, mais especificamente, no futebol; bem como relacionar o envolvimento mais frequente da mulher e o futebol atuais com o fanatismo.

## **2 A INSERÇÃO DA MULHER NO FUTEBOL: UM CONTEXTO HISTÓRICO**

A inserção da mulher no contexto do esporte aumentou significativamente nas últimas décadas. Desde o seu surgimento na Europa, em 1863, o futebol sempre foi considerado um esporte predominantemente masculino, pois as mulheres eram associadas ao sexo frágil, fato este que a colocava em uma condição de dependência da figura masculina, na conjuntura de uma sociedade machista e patriarcal. Até então a figura masculina era vista como o ser que possuía coragem, força e virilidade, enquanto a mulher era vista como a figura que concebia os filhos e se dedicava ao lar e à família. Essa posição feminina imposta pelo padrão social da época, retirava a mulher do espaço esportivo, visto que era um lugar designado ao homem.

Só a partir do final da década de 1980, as mulheres passaram a ocupar um espaço oficial dentro do futebol no mundo, o que até então era considerado proibido. Assim, as mulheres começaram a ser mais vistas neste contexto, tanto como atletas, quanto como torcedoras (OLIVEIRA et al., 2008).

Para compreender como a mulher conseguiu um lugar dentro do futebol, primeiro é preciso abranger a inserção da mesma dentro do esporte em geral. Em meados de 776 a.c., na Grécia Antiga, surgiram os primeiros jogos olímpicos (Panatéias), considerados o maior evento esportivo do mundo. A figura feminina era estritamente proibida até mesmo como espectadora, tendo como justificativa o fato de que as mesmas não tinham condições físicas para as práticas esportivas, restando a elas apenas a função materna. Porém, sabe-se que o real motivo para a exclusão feminina desse meio era a de que os jogos gregos eram relacionados à função de guerrear, atividade que era estritamente proibida às mulheres (OLIVEIRA et al., 2008).

Com a Idade Média, a mulher passou a participar de atividades esportivas da mesma forma que o homem. Porém, no século XVII, a figura feminina perde seus direitos e novamente sua participação é retirada das práticas esportivas, voltando a ficar sob domínio do marido ou parente masculino mais próximo, enquanto solteira. Só a partir do século seguinte é que as mulheres conseguem retornar ao cenário esportivo, mesmo que ainda só na figura de acompanhante de seus maridos em eventos de boxe e corridas de cavalos, por exemplo (OLIVEIRA et al., 2008).

Com o início da era moderna, houve o restabelecimento dos jogos olímpicos na Grécia, e a figura feminina precisou passar por diversas lutas para conquistar um lugar

neste espaço, fato este comprovado pela não participação das mesmas na primeira edição, com o argumento de que com o seu envolvimento, aquele ambiente marcado por honras e conquistas poderia ser vulgarizado. Assim, os idealizadores do evento enxergavam o local como lugar conveniente apenas para o homem, por estar relacionado à coragem, força e masculinidade (OLIVEIRA et al., 2008).

Mesmo com o impedimento da participação feminina nos primeiros jogos, uma mulher grega de origem pobre, chamada Stamati Revithi, fez um percurso da maratona, no dia seguinte ao evento, de maneira não oficial, visto que sua participação foi proibida. A mesma fez todo o deslocamento em tempo menor que alguns homens. Este fato não repercutiu internacionalmente, mas foi o estopim para a participação de forma gradual das mulheres nos jogos olímpicos (OLIVEIRA et al., 2008).

Com o passar dos anos, a participação feminina nos jogos foi aumentando gradativamente, desde a primeira edição em 1896 até os dias atuais, onde é possível enxergar claramente essa evolução, mesmo que ainda não haja um equilíbrio em relação à participação masculina. Da mesma forma que no âmbito esportivo em geral, para conseguir um espaço dentro do futebol, a mulher precisou lutar por essa conquista.

Assim como os homens, a mulher também teve uma história no futebol. Essa história, porém, não foi de privilégios, de notoriedades, muito menos de reconhecimento, como pode-se ver claramente no envolvimento masculino, neste mesmo âmbito. Pelo contrário, a mulher precisou sofrer preconceitos morais, religiosos e até políticos para poder ter o seu espaço reconhecido como atleta, e como torcedora.

Apenas no início do século XX, as mulheres tiveram o futebol como parte das suas práticas esportivas, mesmo que de forma evidentemente menor que a figura masculina, porém, é a partir deste momento que começam a surgir times de futebol feminino e a visibilidade de alguns campeonatos femininos no esporte nacional. Assim, a presença da mulher neste universo, indo aos estádios, assistindo aos jogos, participando da comissão técnica e direção dos clubes em geral, passou a ser comum, quebrando assim, a hegemonia esportiva masculina construída historicamente (GOELLNER, 2005).

A integração da mulher no esporte traz uma visão de conquista pelo seu espaço dentro da sociedade como um todo. Como em diversos outros âmbitos, e não apenas no esporte, a mulher sempre precisou lutar para ser reconhecida sempre com muitas dificuldades.

Na atualidade é comum que mulheres estejam à frente de programas esportivos, em torcidas organizadas, na prática do futebol propriamente dito, e envolvidas cada vez

mais no âmbito do esporte. Sua ligação com o futebol se fortalece e começa a se mostrar em vários momentos da sua vida, onde elas conseguem se sentir na liberdade de não apenas serem responsáveis pela casa e filhos, mas de se envolverem em assuntos esportivos em geral, além de se fazerem presentes de forma mais assídua nos estádios enquanto torcedoras. Para Santana e Silva (2015), a inserção da mulher no contexto esportivo é importante, pois remete à visibilidade e reconhecimento da mesma em todas as instituições sociais, sendo possível assim, uma quebra do conceito de que mulher e futebol não se misturariam, pelo simples fato de futebol ser “coisa de homem”.

Porém, pelo fato de ainda não haver um equilíbrio numérico de envolvimento geral no futebol entre homens e mulheres, a mulher ainda é vista como sujeito que não possui lugar de fala quando se refere ao “esporte das multidões”. Após anos de dominação masculina no espaço do futebol, hoje a mulher ainda precisa ir contra uma rotulação imposta desde os primórdios da sociedade, onde para ocupar um lugar diferente daquele que sempre lhe foi imposto, é necessário ir contra todos os rótulos e ideias que ainda insistem em se perpetuar.

A luta por um espaço em todo e qualquer âmbito social sempre foi mais difícil para a mulher. Não diferente dentro do futebol, o machismo ainda consegue bloquear a autenticidade da figura feminina enquanto torcedora, invalidando que é totalmente possível, e comum até que uma mulher considere o futebol como parte de sua vivência. Da mesma forma, assimilando a ideia de que é natural para o homem crescer dentro desse território, alguns são por vezes pressionados a possuir essa conexão com o esporte mesmo sem ter de fato essa apreciação dentro de si.

### **3 O FANATISMO ESPORTIVO FEMININO NO FUTEBOL**

O fanatismo pode ser caracterizado como a relação disfuncional de um indivíduo com uma instituição, ideologia, crença ou um conjunto de posicionamentos. Passmore (2003) sugere que o fanatismo é considerado um fenômeno psicossocial que se evidencia em diversos campos, como política, religião, e também no contexto esportivo. Segundo Pinsky & Pinsky (2008), fanatismo é um termo cunhado do século XVIII para denominar pessoas que seriam partidárias extremistas, exaltadas e acríicas de uma causa religiosa ou política. O fanático tem dificuldade em aceitar discussões ou questionamentos racionais com relação àquilo que se apresenta como sendo o seu objeto de devoção.

Giulianotti afirma (2012) que um torcedor considerado fanático investe de forma pessoal e emocional no time que torce. Esse investimento pode se dar com a compra de ações ou de produtos caros da marca do clube, ou até o deslocamento do seu local de origem para acompanhar o time em outros estados, e até países, de forma que esse comportamento pode demonstrar uma solidariedade com a intenção de oferecer além da dedicação afetiva, um apoio financeiro ao time que se identifica.

Alguns filósofos como Locke, Hume, Shaftesbury, associaram o fanatismo a características no comportamento consideradas disfuncionais, como um compromisso irrevogável em relação a um ideal de forma irracional e o devotamento absoluto a alguma ideologia (KATSAFANAS, 2018 apud CONDE, 2019).

Visto que o fanatismo é um fenômeno psicossocial que faz com que o indivíduo se envolva de forma disfuncional em relação a alguma instituição ou ideologia, no futebol, esse envolvimento se manifesta com a relação entre o torcedor e o objeto de admiração excessiva, nesse caso o clube que aprendeu a apreciar. Esse fenômeno pode estar relacionado a fatores intrínsecos ao sujeito, ou à necessidade do mesmo em fazer parte de grupos (DAMO, 2008; TOLEDO, 2010).

Esse envolvimento dos torcedores com os times de futebol atinge níveis altos de participação e fusão do coletivo (CARVALHO et al., 2012). Sendo assim, é possível ponderar que com a inserção da mulher no contexto esportivo, esse fenômeno de apreciação exacerbado que é o fanatismo, reverbere em sentimentos e comportamentos semelhantes àqueles vivenciados pelo gênero masculino.

Para Wachelke (2008), o fanatismo esportivo é um fenômeno social que faz com que o indivíduo possua um alto nível de identificação com o seu time, ocasionando manifestações emocionais intensas, fato este evidenciado pela grande quantidade de segurança investida em dias de jogos de futebol entre times rivais, a fim de minimizar investidas de violência dentro e fora dos estádios e atos de enaltecimento, movidos pela paixão deste tipo de torcedor.

Segundo Luna (1996), um fanático tem a mente coletivista, ou seja, ignora sua própria personalidade e se deixa influenciar pela massa; isso poderia explicar a quantidade exorbitante de torcedores que lotam os estádios em dias de jogos, ou viajam para longe para acompanhar o clube, deixando para trás prioridades que para um não fanático seriam consideradas atividades mais importantes a se dedicar.

Culturalmente, como já dito, é comum que o futebol seja uma realidade vivenciada por homens. Esse contexto contribui para que a evidência do fanatismo seja mais expressada pelo público masculino. Conforme já visto, historicamente, o espaço do futebol nunca fora adequado à figura feminina, devido à rotulação de formosura e brandura que sempre a acompanhou no tempo. Porém, quando a mulher invade esse ambiente, trazendo uma quebra do paradigma que relaciona o futebol exclusivamente à força, coragem e virilidade, características essas que se concatenam com o masculino, é possível prever que as sensações e sentimentos de torcer por um time de futebol, sejam influenciadas por forças inconscientes e coletivas, tais e quais semelhantes ao que acontece em relação ao gênero masculino (BOUAS; ARROW, 1995).

O espaço esportivo, mais especificamente do futebol, sempre foi permeado por grande fascínio para aquele que o acompanha, sejam homens ou mulheres, contestando assim, a legitimação da forma de sentir de ambos os sexos. O homem sempre foi visualizado como a figura que mostra força, autoridade e domínio, sendo incoerente expressar qualquer tipo de sentimento que revele sensibilidade. A ligação ocasionada pelo fanatismo no envolvimento com o seu time o leva a demonstrar fraqueza e emotividade a depender do desempenho positivo ou negativo do seu time em um campeonato, por exemplo. Da mesma forma, o envolvimento feminino neste meio, leva a mulher a uma expressão de agressividade e espírito de combate, características estas comuns ao futebol, mas incompatíveis com a demonstração exteriorizada nas mulheres (BALLARYNI, 1940).

Assim como na prática do futebol em campo, nas arquibancadas não é diferente. O espaço que desde a sua origem é visto como predominantemente masculino, teve suas evoluções em equilíbrio de gêneros, apesar de ainda não haver uma igualdade neste sentido. No Brasil, não houve uma popularidade tão significativa do futebol feminino quanto na Europa, porém, desde o desenvolvimento deste esporte nos seus primeiros anos, as mulheres eram vistas nas arquibancadas com o objetivo de acompanhar os seus pares nos jogos, como bem descreveu o jornalista Mario Filho em *O Negro no Futebol Brasileiro* (1964, p.23), em relato de Franzini (2005, p. 318):

Na arquibancada, sentadas, abrindo e fechando os leques, sérias, sorridentes, quietas, nervosas, como que ficavam em exposição... No intervalo, o campo e a arquibancada tornavam-se uma coisa só. Jogadores e torcedores no bar. Jogadores e torcedores nas arquibancadas. Os jogadores gostavam de aparecer um

instante, suados, cansados, na arquibancada, para cumprimentar as moças. Não se demoravam muito, vinham e iam, as travas das chuteiras rangendo no cimento.

Com o passar dos anos, a presença das mulheres se expandiu das arquibancadas para dentro dos campos. Assim, como em outros âmbitos, esse lugar precisou ser conquistado através de muita luta, visto que o machismo e o moralismo dominantes pregavam que as mulheres estavam abandonando as suas funções naturais de mães e donas de casa para fazer parte de um espaço que pertencia à figura masculina. A partir deste momento, a mulher passou a não apenas acompanhar os seus maridos nos jogos, mas a estar nos estádios de futebol por ser possível que a disposição em pertencer a este espaço se daria por interesse em realmente assistir aos jogos enquanto torcedora que compreende a partida em suas percepções técnicas e métodos do futebol em si, além de ter apreço verídico e veemente pelo time que joga, como uma “boa fanática” (FRANZINI, 2005).

#### **4 O FANATISMO ESPORTIVO SOB A PERSPECTIVA DA LOGOTERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

A Logoterapia e Análise Existencial foram instituídas por Viktor Emil Frankl (1905 – 1997), neurologista, psiquiatra e criador da terceira escola de psicoterapia de Viena. Para ele, a Análise Existencial equivale à sua visão antropológica de pessoa, enquanto a Logoterapia refere-se à abordagem psicoterápica que compreende o ser humano a partir não apenas de uma visão biopsicossocial, mas somando-se a isto, sobretudo a partir da existência da dimensão noética ou espiritual (FRANKL, 2012). Guedes e Gaudêncio (2012) explicam que é na dimensão noética que se localizam a tomada de decisão, a liberdade, a responsabilidade e a busca pelo sentido da vida.

Na perspectiva da Logoterapia e Análise Existencial de Frankl, o ser humano não é motivado primordialmente por seus instintos, nem pelo poder fomentado socialmente, mas é orientado pelos valores, tornando-o livre e responsável para tomar decisões que irão direcionar a sua vida. Quando este mesmo indivíduo desconsidera a liberdade de fazer escolhas e a responsabilidade em vivenciá-las, aí pode se manifestar o vazio existencial (FRANKL, 1978). Frankl entende o vazio existencial como um fenômeno



existencial provocado pela ausência momentânea de sentido, gerado pela afetação da dimensão noética, o que ele denomina de Neurose Noogênica (FRANKL, 2005).

Para Frankl (2008), cada época tem a sua própria neurose, e, contrariando Freud, que compreendia a problemática sexual como o principal problema do século XX, para ele a falta de realização existencial ocupava o primeiro plano (FRANKL, 1990), podendo ocasionar neuroses pessoais ou, por serem tão comuns, neuroses coletivas.

O fundador da Logoterapia e Análise Existencial caracterizou a Neurose Coletiva em quatro sintomas: efemeridade, fatalismo, coletivismo e fanatismo (Frankl, 1997)

A efemeridade, ou atitude provisória diante da vida, refere-se a um modo de vida imediatista, ou seja, uma existência caracterizada pela incerteza do amanhã. O indivíduo fixa seus empenhos no presente, sem perspectiva alguma de um futuro. Frankl compreende esta vivência como uma forma de abrir espaço para um ser dominado por seus instintos. Com isso, o sujeito se apega ao sentimento de que não vale a pena ter responsabilidade pela própria vida (FRANKL, 1978).

O fatalismo, ou a orientação fatalista perante a existência, também se refere a um meio de negação da responsabilidade onde o indivíduo tem a convicção de que o seu destino já foi traçado por uma espécie de poder que isenta o ser humano de ser livre e responsável. Assim, não importa o que seja feito, suas atitudes sempre serão movidas por “reflexos, um aparelho psíquico, ou um produto do sangue e da terra, da hereditariedade e do meio ambiente; em qualquer dos casos, uma criatura irresponsável e sem liberdade” (FRANKL, 1978, p. 225).

O terceiro dos sintomas da Neurose Coletiva é o coletivismo, ou pensamento coletivista, onde o indivíduo é desobrigado de suas responsabilidades pessoais, não sendo mais movido por suas próprias decisões e escolhas individuais, pois, o fato de estar submerso em uma coletividade, isenta-o desta demanda (PEREIRA, 2017).

Frankl conceitua o fanatismo como o quarto sintoma da neurose coletiva, ou neurose de massa (FRANKL, 2005). Ele aponta a intolerância em relação a pensamentos opostos ao que o indivíduo fanático considera, sendo prevalecente sempre a sua verdade, sendo assim apropriada de modo prévio por contágio de influências ideológicas (FRANKL, 1990). Desta forma, o fanático se apega a sua opinião e a toma como verdade indiscutível, fazendo com que o mesmo seja capaz de fazer o que quer que seja para atingir

o seu objetivo, sem se abrir a outras possibilidades, e vivendo apenas em função do seu propósito.

O fanatismo, como sintoma da Neurose Coletiva, representa um escape da liberdade, e consequentemente da responsabilidade (FRANKL, 2020). Desta forma, pode-se considerar o fanático como um indivíduo imbuído de um vazio existencial. No esporte, podemos enxergar um comportamento fanático quando o mesmo entende que qualquer pessoa que não compartilhe da mesma visão, “merece compaixão”, pois não entende o que é a “verdade”. Como exemplo, para o fanático é digno de “compaixão” alguém que não torce pelo mesmo time que o seu, ou mesmo quando não está disposto a abrir mão do seu tempo ou de situações importantes da sua vida para se dedicar ao clube que se designou torcedor. Se mergulhado nesta visão construída sobre si mesmo, o fanático muitas vezes não consegue enxergar a necessidade de mudar a sua visão de si e do outro, portanto, incapaz de dialogar com o diferente.

A Logoterapia seria eficaz no auxílio ao fanático levando-o a um processo de autodistanciamento, conceito proposto por Frankl, que se refere à capacidade especificamente humana onde o indivíduo distancia-se de si próprio (FRANKL, 1989), neste caso, da sua paixão fanática, permitindo que seja visto de outro lugar o quão danoso e autocentrado pode ser o seu sentimento. Assim, a Logoterapia pode possibilitar que este indivíduo compreenda que é possível através do antagonismo psiconoético (capacidade de resistência do espírito em relação às restrições ou doenças biopsíquicas), não ceder ao impulso fanático e o que ele evoca, mas transformar o seu lugar enquanto torcedor, tomando cada jogo como um momento existencial a ser vivido e experienciado.

É possível também levar o fanático através da perspectiva da Logoterapia a uma abertura ao outro, pois é notório o quanto o fanatismo, por muitas vezes, desumaniza o próximo, tratando-o como um inimigo passível de aniquilação. Assim, há a necessidade de reconhecer a diferença e a escolha alheias, enxergar o outro torcedor como pessoa humana que vivencia de outra forma, com outro time, as mesmas vivências de alegria e sofrimento em relação ao seu processo de torcedor. A Logoterapia pode auxiliar o fanático a lidar com estes sentimentos construídos na vitória ou na derrota do time, levando-o a vivenciar o valor atitudinal, que consiste nas atitudes tomadas diante de um sofrimento inevitável, encontrando nestas adversidades uma motivação (FRANKL, 2014).

## 5 CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente artigo buscou trazer como foco de discussão uma produção acadêmica que demonstra a expressão do fanatismo feminino no futebol. Apresentou também a inserção da mulher no contexto esportivo, mais especificamente dentro do futebol através de uma contextualização histórica, bem como a visão da Logoterapia e Análise Existencial sobre o fanatismo como sintoma da Neurose Coletiva.

Ao realizar pesquisas relevantes sobre o tema em questão com o objetivo de buscar informações de estudos e explorações já existentes, foi possível observar restrições sobre o assunto, visto que as explorações mais comuns são sempre referentes ao público masculino. Apesar da limitação em estabelecer estudos que pudessem ser considerados na construção do artigo, o objetivo geral do trabalho de relacionar a inserção da mulher no futebol com o fanatismo foi alcançado.

Os resultados apontaram que com a conquista da mulher por um espaço dentro do futebol, o envolvimento como atleta, e principalmente como torcedora, faz nascer um sentimento de pertencimento a um grupo que antes não fazia parte da sua vivência, e com isso, as sensações e emoções de admiração, exaltação e ímpeto em torcer por um time revelem-se agora comuns.

Entretanto, compreende-se como necessária a realização de novas pesquisas com a temática do fanatismo no público feminino, na busca por compreender de forma mais aprofundada, como esses sentimentos se revelam, sob uma perspectiva da Psicologia ou da Logoterapia e Análise Existencial.

Torna-se importante destacar as limitações deste trabalho, tendo em vista os grandes impasses em localizar artigos e pesquisas acadêmicas específicas sobre a temática. Observa-se assim uma carência de trabalhos científicos para este tema, em especial no âmbito da Psicologia. Acredita-se que a abrangência do tema abordado neste trabalho requer uma necessidade de pesquisas empíricas que incluam, com mais precisão, as manifestações psicológicas do público feminino no contexto esportivo, mais especificamente dentro do futebol.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLARYNI, Humberto. Por que a mulher não deve praticar o futebol. **Revista Educação Física**, Rio de Janeiro, v.49, p.34-41, 1940.

BOUAS, Kelly. S.; ARROW, Holly. The development of group identity in computer and faceto-face groups with membership change. **Computer supported cooperative work (CSCW)**, v. 4, n. 2-3, p. 153-178, 1995.

CONDE, Erick Francisco Quintas; CORIOLANO, Alina Mira Maria. IX - O Fanatismo no contexto do esporte. **PSICOLOGIA SOCIAL DO ESPORTE**, 2019 p. 169.

CORIOLANO, Alina Mira Maria; CONDE, Erick Francisco Quintas. Fanatismo e agressividade em torcedores de futebol. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, São Paulo**, v. 6, n. 2, 2016.

DAMO, Arlei Sander. A magia da seleção. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 28, n. 1, p. 73-90, 2006.

DE CARVALHO, Soraya Lida et al. Notas sobre a atração do esporte - uma leitura sociológica. **Educação Física Em Revista**, v. 6, n. 1, 2012.

DE OLIVEIRA SANTANA, Daiane; DE SANTANA SILVA, Grasiela de Oliveira. O papel da mulher dentro do contexto esportivo: Uma análise a partir do futebol. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, v. 8, n. 8, 2015.

DE TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**, n. 163, p. 175-189, 2010.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial.**/ Trad: Alípio Maia de Castro. Ed: Quadrante – São Paulo – SP, 1989.

FRANKL, Viktor Emil. Logoterapia e análise existencial: textos de seis décadas. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRANKL, Viktor Emil. **Fundamentos antropológicos da psicoterapia.** Rio de Janeiro: Zahar. 1978.

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida.** Aparecida: Santuário, 1989b.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva.** Petrópolis: Vozes. 1990.

Frankl, Viktor Emil. **Teoría y Terapia de las neurosis: Iniciación a la logoterapia y al análisis existencial.** Barcelona: Herder. 1997.

- FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo.** Aparecida: Idéias e Letras. 2005.
- FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus.** Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2020.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, v. 25, p. 315-328, 2005.
- GAMA, Bruno. **A Liberdade de não ser livre: Implicações do fanatismo sob a ontologia dimensional Frankliana.** Campina Grande, 2021.
- GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flâneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 1, 2012.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- GUEDES, Karen Costa; GAUDÊNCIO, Edmundo Oliveira. (2012). Trabalho e Logoterapia: análise existencial da situação de desemprego. **Revista Logos & Existência**, 1(1), 26-37.
- KATSAFANAS, Paul. Fanaticism and sacred values. **Philosophers' Imprint, Forthcoming**, 2018, p. 02.
- LUNA, José Arturo. **Logoterapia: Un enfoque humanista existencial.** Bogotá, D.C.: San Pablo, 1996
- OLIVEIRA, Gilberto et al. **A inserção histórica da mulher no esporte.** Rev. bras. ciênc. mov, p. 117-125, 2008.
- PASSMORE, John. Fanaticism, toleration and philosophy. **Journal of Political Philosophy**, v. 11, n. 2, 2003.
- PEREIRA, Ivo Studart. O Pensamento Político de Viktor E. Frankl. **Revista Logos e Existência**, 6 (2), 125-136, 2017.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PINSKY, Jaime. **Faces do fanatismo.** Editora Contexto, 2008.
- RODRIGUES FILHO, M. **O Negro no Futebol Brasileiro.** 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, p.23-4

SILVA, Lorena Bandeira da. Sobre o consumo e o consumismo: a consumação do Vazio. **Revista Logos & Existência**, 1(1), 79-87, 2012.

WACHELKE, João FR et al. Mensuração da identificação com times de futebol: evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 60, n. 1, p. 96-111, 2008.